

1912

—
Abril 13



N.º 12

—
Volume 1.º

A MASCARA

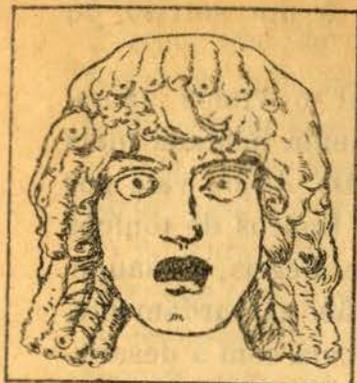
Arte — Vida — Theatro

POR

MANOEL DE SOUSA PINTO

50 Réis

LIVRARIA FERIN, EDITORA
Baptista, Torres & Ct.ª
70, Rua Nova do Almada, 74
LISBOA



A MASCARA

Arte — Vida — Theatro

Lisboa 13 de Abril de 1912

XLIII—Despedida de Rosario Pino.
*El Genio Alegre. Comedia em 3 actos de
 Serafin e Joaquin Alvarez Quintero. La
 Praviana. Comedia em 1 acto de Vital Aza.*
 (Theatro da Republica 3 de Abril)

EL GENIO ALEGRE dos irmãos Quintero, com que a gentilissima Rosario Pino se despediu e festejou no Republica, foi ha tempos immolado em portuguez luctuoso pela companhia do Gymnasio, e para quem, d'esta feita, teve ensejo de saborear a alegria avassalante da graciosa e salutar comedia dos auctores da *Malvaloca*—que a estas horas deve Maria Guerrero ter estreado na capital das Hespanhas em seu beneficio— não será difficil suspeitar quanta tristeza o desempenho gymnasial lhe imprimiria, nem imaginar o lugubre processo de converter um hymno em marcha funebre, de transformar o dythirambo apaixonado, que é essa obra cheia de sol, num estopante officio de defunctos pingado da cera livida dos brandões.

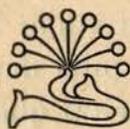
Com *Las Flores*, que são quasi uma obra-prima no seu genero, *El Genio Alegre* primacia, no comprido rol das producções quinterianas, como um dos trabalhos mais inspirados e scintillantes d'esses dois pagãos convictos, empenhados em inundar os palcos da sua terra com abadas de flores e diluvios de galanteios, em conseguir o milagre ameno de encher tres actos, tres actos onde o interesse não afrouxa e o entusiasmo toca ás vezes o arrebatamento, com essa coisa divina

mas fragil, immensa mas ephemera, que é um sorriso de mulher.

Representado na perfeição, como aqui o vimos agora, numa epocha em que a incuravel neurasthenia lusitana mais do que nunca se alastra e progride, *El Genio Alegre* vale por um mez de repouso e bom ar e por alguns frascos de tonicos reconstituintes. Foi um banho sem igual de alegria, de saude, de felicidade, esse que Rosario Pino, tão galhardamente, proporcionou ao malhumorado publico lisboeta com a desanuviadora recita do seu adeus.

Ao entrarmos para o theatro, registava o calendario quarta-feira de trevas. Pois, no decorrer do spectaculo, raiou a alleluia no Thesouro Velho, e ao terminar *El Genio Alegre*, encontravamos-nos todos em plena paschoa florida, com desejos de dar o *osculum pacis* em algumas das nossas lindas semelhantes que lá estavam, exclamando á moda russa: *Christo resuscitou!*

Resuscitara, na verdade, em nossos corações, graças a essa sua sacerdotisa formosa, vestal da alegria, o grande deus que o Oswaldo de Ibsen reclama na agonia: o sol latino.

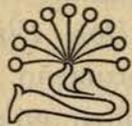


Já ouviram fallar de certos palhaços generosos, amigos das creanças, portadores de risadas, que vão, de quando em vez, até ás salas ou ás esplanadas dos sanatorios para a infancia, levar ás creancinhas enfermas algumas horas de allivio, satisfação e entretenimento?

Sem nenhum intuito desprimoroso no confronto, Rosario Pino recordou-me a abençoada obra de misericordia d'esses truões consoladores. Passou rapida, pela sorumbatica Lisboa, como uma histrionisa elegantissima, como uma donairoza Colombina, pela varanda melancholica de um hospital de convalescentes, os quaes, sentindo-se melhor, ficaram de olhos cravados no horizonte que a summiu, gratos á sua arte blan-

diciosa, que tão bem sabe estimular sem violencia o gosto nobre da vida, invejosos das novas terras que o seu ennamorante sorriso vae illuminar.

Foi como uma fada com pressa, a cujo toque da magica varinha as dores se aquietam e as feridas saram, por virtude do encantamento que derrama essa modesta seductriz exemplar, que tem, nas feições semi-dolorosas, no glorioso mysterio do seu sorriso, qualquer coisa de uma Gioconda nascida em Malaga, com os seus cabellos morenamente fulvos, com os cesulos olhos de abysmo e de esperanza, com a sua bocca finissima, espirital, onde os delgados labios são duas grinaldas leves a enfeitar a sua palavra doce, meiga, modulosa, ou duas sofregas azas, soerguendo essa sua aerea, triplice, voz de archanjo, de sereia e de mulher — voz indefinivel, capitosa, fragrante, que suggere um desafio entre uma fonte, uma calhandra e uma harpa, e se não sabe ao certo, quando vibra crystalina e avelludada, se mais parece uma corda d'oiro sob a caricia lenta de uma seda, se um veio d'agua ao luar sobre um relvedo macio, se uma voz de amada que nos falla ao ouvido, ou uma voz de noiva entre um laranjal.



«A scena — diz a rubrica de *El Genio Alegre* — é em Alminar de la Reina, uma cidade andaluza, e no amplo, vetusto e socegado pateo do palacio de Dona Sacramento Alcázar, Marqueza de los Arrayanes».

Vivem alli a velha senhora e o hypocrita *Don Eligio*, seu mordomo, uma existencia triste, devota, severa, que faz com que o filho da Marqueza, *Julio*, troque, sempre que pode, a pezada austeridade do lar materno pelos prazeres da vida facil. Com as suas lunetas redondas á Quevedo, de bigode e mosca pintados, os seus modos unctuosos e as suas imprecações contra os rasgos da mocidade descuidada de *Julio*,

Don Eligio, a quem os auctores, valendo-se de um pintor que o está retratando, tiveram a optima ideia de fazer, em duas scenas, apparecer vestido á moda dos Philippes, é a Hespanha preconceituosa, fradesca, tacanha; a Hespanha dos autos de fé e das disciplinas; a falsa Hespanha da tyrania e das perseguições, castradora dos instinctos sadios e irreprimiveis da raça; a Hespanha do Escorial, Bastilha de frades e reis.

Por obra de *Don Eligio*, o solar dos Arrayanes acha-se convertido num retiro conventual, bafiento, soturno, sem flores, sem cantares, sem agua no tanque do pateo, sem galas, sem risos. Muito desgostosa com as ausencias do filho, que é hospede no palacio, *Doña Sacramento* mandou convidar a vir fazer-lhe companhia uma sua sobrinha, *Consolación*. *Consolación* chega, acompanhada de *Coralito*, sua namoradeira creada, e, desde a sua triumphal entrada no primeiro acto, é como se naquelle velho solar se tivesse derrubado uma parede e o sol o invadissem de chofre. *Consolación*, nova e bonita, é a mocidade extuante, a alegria communicativa, a seducção em pessoa.

Dentro em poucos dias, vae no tranquillo solar uma revolução. Entra de se ouvir cantar, rir, chalacear, com horrificado espanto do fingido *Don Eligio* e evidente agrado de *Julio*, que, com a transformação operada pelo alegre genio da prima, começa a descobrir encantos irresistiveis em permanecer a seu lado.

No pateo tristonho do principio da peça, parece haver mais luz. Ha, pelo menos, flores em barda, um piano, plantas viçosas, agua no tanque. Ainda que um tanto perturbada com todo aquelle ruido e animação, *Doña Sacramento* sente-se feliz com a permanencia do filho no solar; permanencia que, já o leitor decerto suppõe, denota o seu nascente amor por *Consolación*, com quem no fim acaba por casar, depois d'ella chegar quasi a fazer rir o velhaco de *Don Eligio*, cujos dentes jámais se mostraram.

E' só isso, e não é pouco — uma apologia simples, convincente e fervorosa do viver alegre — a peça jovialissima dos

Quintero, que se poderia resumir na tocante poesia d'esta scena do terceiro acto:

JULIO — *Faltava aqui a alegria do amor, e ei-la que até nós chegou. Somos felizes e havemos sempre de o ser.*

CONSOLACIÓN — *Temos esse dever.*

JULIO — *Esta casa será a nossa casa; minha mãe será a nossa mãe; os meus filhos serão nossos filhos.*

CONSOLACIÓN — *Não faltava mais nada.*

JULIO — *Dez, doze, quatorze, dezaseis...*

CONSOLACIÓN — *Quatorze, dezaseis, quê? Contas os vasos de flores?*

JULIO — *Os filhos que havemos de ter.*

CONSOLACIÓN — *Ave-Maria.*

JULIO — *E todos fortes, sadios, limpos, alegres, amando a vida.*

CONSOLACIÓN — *D'isso me encarrego eu. Antes de os mandar á escola, hei de perguntar-lhes: «Dizei lá, que é o que ha de melhor na vida?» E quando elles me responderem: «A vida», só então os deixarei ir ao mestre para que lhes ensine trapalhadas.*

JULIO — *Bem lembrado.*

CONSOLACIÓN — *Foi assim que me educaram, nessa alegria cresci. Recordo que meu pae, sempre que erguia na mão um copo de vinho — e fazia isso muito a meudo — exclamava, entre gracejador e enternecido: «Alegremo-nos por ter nascido!»*

Com esta final saudação jubilosa: *Alegrémonos de haber nacido!* — que a protagonista quer ir soltar aos quatro ventos, desde as alturas do Cerro de las Águilas — se encerra a obra aprazivel e confortante dos humoristas de *Las de Caín*.



Deu-lhe a companhia de Rosario Pino um desempenho, no geral, harmonico e brilhante no conjuncto. Rosario Pino, porem, sem abandonar um instante o seu comedido equilibrio

de sempre, sem atraiçoar na minima inflexão a certeza maravilhosamente facil do seu inconfundivel processo dramatico, encarnou *Consolación* com toda a alma, com toda a paixão, com toda a alegria. O papel, sem o parecer, é espinhoso. Transmittir a alegria, e transmitti-la tão effusiva e irresistivelmente como ella o fez, desdenhando dos meios comicos vulgares, pondo de parte o estouvamento exagerado e a excessiva desenvoltura, não é facil. Dá-la com a elegancia, a compostura, a sobriedade, que Rosario Pino lhe imprimiu, é deveras empreza para muito poucas e privilegiadas. Sem repetir a garota classica, nem repisar a ladina maliciosa e travessa do estylo, conseguiu a illustre artista construir a figura de mais completa jovialidade que eu tenho visto em theatro. Viveu, alumiou, toda a obra, como um raio de sol andaluz tornado em actriz, e houve repetidas situações em que logrou esse supra-sumo de feminilidade e seducção que só as maiores interpretes attingem. A scena da descripção do repique no Carmo, o colloquio com o namorado, no segundo acto, e a explicação com *Don Eligio* no terceiro, são momentos d'arte que se não esquecem.

Para d'algun modo conservar melhor a impressão do primeiro, traduzirá **A Mascara** a esplendida tirada dos sinos. *Consolación* pergunta á tia se não ouviu ha bocado repicar no Carmo? Responde-lhe *Doña Sacramento* affirmativamente, estranhando o facto. *Consolación* diz-lhe que foi ella quem subiu á torre, e como *Julio* lhe pergunte se tambem sente vocação para sineiro, ella narra a sua recente aventura d'este modo:

«Sineiro e sachristão e tudo o que seja preciso. Ora ouça, minha tia! Mas não franza a testa: alegre-se comigo, por piedade. Voltavamos todos, os rapazes e as raparigas, conversando e rindo do casamento dos ciganos, e ao passar pelo Carmo disse uma: «Vamos rezar a Nossa Senhora». Entrámos todos na igreja. Nisto, eu, que rezo mais depressa que as outras, levanto-me e, recordando os meus sete annos, vou direitinha até á torre. Verem-me e deitarem todos atraz de mim, foi obra de um instante. Que algazarra! que risadas! por

aquella escada, escura como bocca de lobo. Quando chegámos lá acima, a luz deslumbrou-nos. Dá gosto o que se avista por aquelles buracos da torre. Ao sentir-nos, um bando de pombas levantou vôo. A manhã estava linda: o ar, fresco e perfumado. O sol parecia pintar de amarello o trigo, de vermelho as papoulas, de branco o casario, de verde os pinheiraes... Eu estremecia de emoção, de alegria, de vontade de viver, ao contemplar tudo aquillo. Lá longe, muito longe, havia uns homens curvados segando a messe... Appeteceu-me de repente deitar-me a voar como as pombas, saltar, gritar, cantar como um passaro; desejei agradecer a Deus esta vida que me deu, estes olhos que me poz na cara e a alegria que me entornou no coração para ver e sentir tudo quanto d'alli via e sentia; ambicionei levar, communicar, o meu bem estar áquelles camponezes, alegrar o seu penoso trabalho, fazer com que descansassem ao menos um minuto... Senti o impeto dos momentos bons, o meu coração trasbordou em riso e em lagrimas, e dito e feito, mãos á obra: agarrei-me á corda de um dos sinos e comecei a agita-lo, como se toda a vida não tivesse feito outra coisa. Talão, tão! Talão, tão! O ar estremeceu. Houve na torre um borbório de risadas e gritos, de ensurdecer. Lucio agarrou-se a outro sino. Um menino de coro, fascinado tambem e encantado com aquella transgressão á disciplina, agarrou-se á corda de outro. Talão, tão! Talão, tão! Talão, tão! Talão, tão! Pareciamos malucos. As pombas, que tinham voltado á torre, debandaram de novo... E alguns d'aquelles homens que ao longe trabalhavam, levantaram os corpos que estavam inclinados para a terra, e estiveram um bom bocado olhando para cima; para a torre, para o ceo. Agora já a tia fica sabendo porque é que hoje houve repique extraordinario no Carmo!»

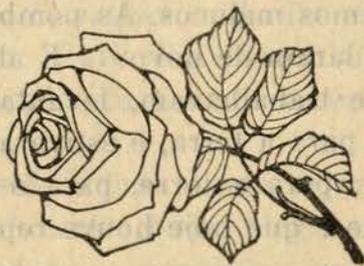


Para complemento do seu luzido espectáculo de despedida, representou Rosario Pino uma comedia banal e antiquada de

Vital Aza, — *La Praviána* — que só lhe fornece ensejo de se mostrar como cantadeira maviosa das canções dolentes das Asturias, e foi a unica nota pouco feliz do repertorio escolhido generosamente para as tres noites de Lisboa — repertorio que, pelo valor dos obras apresentadas e pela alta noção de patriotismo que revelou, sendo um exemplo apontavel, foi uma licção de honestidade profissional e de criterio artistico, da parte de Rosario Pino, que bem poderia ter entusiasmado mais vivamente as desamaveis plateias lisboetas, se, com sacrificio dos auctores do seu paiz, quizesse mostrar-se no moderno repertorio francez, de que tem sido em Hespanha uma das mais applaudidas creadoras.

Dá pena pensar que já vão a estas horas, caminho das Americas, sobre o mar, repousando na memoria commovida da sua formosa interprete, a soffredora *Isabel* e a galante *Silvia* de Jacinto Benavente, a graciosa cigana do *Amor que passa*, a *Consuelo* bondosissima d'*As Flores*, e a encantadora *Consolación* do *Genio alegre*, dos Quintero.

Resta-nos, consoladora, a promessa de as vermos de novo, um dia...



XLIV— O Apostolo. *Drama em 3 actos*
de Paul Hyacinthe Loyson, traducção de
Mayer Garção. (Theatro da Republica
6 de Abril)

SINGRANDO na esteira de Brieux, De Curel, Ancey, sobretudo na de Émile Fabre, o vigoroso dramaturgo de *Comme ils sont tous*, *La Vie Publique* e *Les Ventres Dorés*; muito chegado a Björnson, a quem uma das suas primeiras obras é dedicada, Paul Hyacinthe Loyson enfileira, ao lado de Gabriel Trarieux e Marie Lénéru, entre os novos auctores francezes empenhados em levar á scena themes de maior alcance e elevação do que os futeis pretextos dramaticos, aproveitados pela maioria das peças contemporaneas.

Tendo-se estreado com *L'Évangile du sang*, um acto suggerido pela guerra anglo-boer, e composto a seguir uma replica de *A Luva* de Björnstjerne Björnson; impressionado pelos novos descobrimentos da moderna prehistoria, deu, nas *Almas Inimigas*, a primeira parte de uma trilogia, «destinada — segundo suas proprias palavras — a estudar sob tres aspectos o conflicto da sciencia e da religião no seculo XX».

Almas inimigas, um drama monotono, onde se defrontam um marido livre-pensador e uma esposa catholica, á cabeceira de uma filha convertida ao atheismo pelo pae, e a qual á hora da morte proclama que *a unica verdade é o amor*, «propunha-se — ainda na linguagem do auctor — o ponto de vista intellectual. A segunda parte o ponto de vista moral e a terceira o ponto de vista social.»

E' *O Apostolo*, dado no Republica, numa, evidentemente, mui precipitada versão de Mayer Garção, prosador de primeira plana, a segunda parte d'essa annunciada trilogia, nevoenta, inconcludente e palavrosa.

Paul Hyacinthe Loyson é filho do grande prégador, o *Père Hyacinthe*, que, como se sabe, renegou das ordens, e não ha

duvida que do pae lhe ficou, com um mysticismo muito declarado, um certo amor á emphase e ao sermão.

E' um auctor que receia as conclusões, que dispõe de uma limitadissima sensibilidade artistica e de uma ainda menor facilidade de dramatisação, que, sendo um crente confesso, se resente de varios preconceitos christãos, que não vê claro dentro de si proprio, e, por conseguinte, nos deixa em plena confusão com as suas obras arrastadas e dubias.

As *Almas inimigas* eram dedicadas do seguinte modo: *Aos que creem apaixonadamente. Aos que negam energicamente. Aos que procuram lealmente.* Sem nova dose de adverbios, *O Apostolo* é offerecido pelo auctor: *Aos que caminham nas trevas com uma luz interior. Aos que seguem um Deus desconhecido. Aos livres escravos do dever.*



O que é *O Apostolo*, companheiro de *O Tribuno* de Bourget? *O Apostolo* de Paul Hyacinthe Loyson é uma peça monographica, quasi uma monographia historica, sobre a figura do *Senador Baudouin*, ministro da Instrucção Publica, um fanatico da moral laica, em conflicto com as inevitaveis traficancias da politica e com o inconcebivel cynismo de um filho, que é, deveras, o biltre mais inverosimil e o canalha mais exagerado que pode imaginar-se.

Baudouin, grande devoto da educação laica, apoz a queda inesperada e retumbante de um ministerio de defeza laica, vê-se empurrado, contra sua vontade e determinação, para uma cadeira ministerial. Como ministro, assumiu o compromisso de liquidar um grave caso de corrupção politica, por meio de um rigoroso inquerito. Esse inquerito, e as declarações, de todo extemporaneas, da nora, vêm revelar a grande culpabilidade do filho estremecido de *Baudouin*, o deputado *Octavio*, em quem *Baudouin* pae, que o povo chamava o *Tio*

Consciencia, depositava as maiores esperanças. Interrogado, *Octavio* tenta negar, arremessando todas as responsabilidades sobre *Rémillot*, seu secretario, que se suicidou ha dias. Inventa para isso uma rocambolesca busca no domicilio do suicida, um rapaz honesto e morigerado — busca que o dá como um venal e um libertino. E' claro que, graças a essa manobra, o escandalo virá a ter uma boa explicação para o publico, e o ministerio não soffrerá mozza. *Baudouin* porem, convencido da ignominia do filho, tem a coragem de pedir a sua demissão e de declarar em publico que *Octavio Baudouin* é um scelerado — obedecendo assim aos seus severos principios.

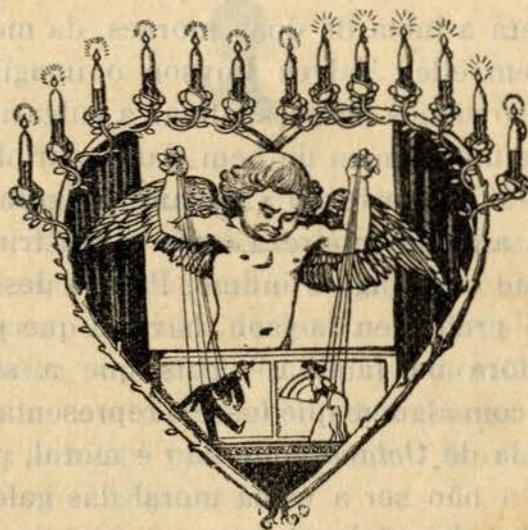
E' este o entrecho. Que significará, afinal? A lucta de duas gerações? Não é crível. Pode a moral modificar-se com os annos, mas no caso de *Octavio* não se modificou, decompoz-se. E' apenas um criminoso, com que, lealmente, se não pode argumentar. Será a lucta de duas moraes, da moral com Deus e da moral sem elle? Talvez Loyson o imaginasse, mas a verdade é que só vemos na peça, afinal, a vulgarissima, eterna, differença entre um homem de bem e um mariola.

E' certo que o auctor tocou a romantica figura de *Baudouin* com carinho e alguma inteireza, mas o seu triumpho é mesquinho, pois que o inimigo é infimo. Para o destacar heroicamente, como o pretendeu Loyson, haveria que pôr *Baudouin* em conflicto, fóra da familia, — pois que a sua nada tem de exemplar — com alguém que fosse o representante de alguma moral diversa da de *Octavio*, que não é moral, nem coisa que se lhe pareça, a não ser a velha moral das galés. *Baudouin*, segundo o auctor, triumpho da sua consciencia de apostolo e de pae. Sem querer achincalha-lo, parece-me que a sua maior victoria é resistir ao presidente do Senado.

A peça abunda em defeitos. E' de uma theatralidade infantil, melodramatica, com personagens d'alçapão, e tem este insanavel contra: se, á figura laica do *Apostolo*, lhe mudarmos o rotulo, e escrevermos catholica, budhista, mahometana ou mormonica, continua certa, desde que a personagem continue a ser, apenas, o que é, um homem honrado.



Do trabalho protagonista, encarregou-se Augusto Rosa, que representou com talento e escrupulo. O papel, porem, demanda de outra indole, e, alem de o não ter ainda bem sabido, Augusto Rosa fraquejou um bocado na marcação. Por tres vezes, por exemplo, quando ouve alguma revelação mais grave, se deixa cahir numa cadeira do mesmo modo, como a uma mola. Foi, no emtanto, manda a verdade dizê-lo, o unico artista que, no desempenho desastrado d'O *Apostolo*, se pode citar com louvor.



XLV — Rodrigo Octavio. *Aguas passadas.*

Novelas. (Garnier Irmãos, Paris-Rio de Janeiro).

Do poeta subtil dos *Pampanos* e dos *Poemas e Idilios*, do vigoroso dramaturgo dos *Sonhos funestos* e de *A Estrada*, do maleavel narrador do *Felisberto Caldeira*, do *Aristo*, e das *Bodas de sangue*, Rodrigo Octavio, hoje, com lucto para as letras da sua terra, quasi de todo monopolizado pelas magnas responsabilidades do seu alto cargo de consultor geral da Republica brasileira, publicou a casa Garnier, numa cuidada edição, mais um volume de prosa — *Aguas passadas* — formado de uma primeira, rapida, novella, com esse titulo, e por mais tres producções: *A Sessão do Instituto* (trecho de carta), uma espirituosa anedota conjugal; *Immortal* (conto da media idade), uma scena impressionante de vitral gothico; e *Gongo-Velho*, episodio tragico do tempo da colonisação.

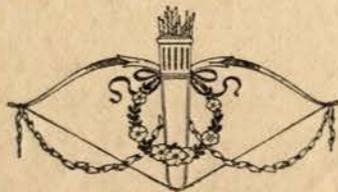


A breve novella *Aguas passadas* — a que primitivamente o auctor chamara *Brumas* — pouco mais de uma centena de paginas de admiravel fluidez e vibração ininterrupta, constituindo a maior e a melhor parte d'esse livro despretençioso e simples, é, em absoluto, uma joia litteraria de subido quilate; um conto perfeito, originalissimo, modelar, que lembra, na singeleza corredia de technica, nas soberbas marinhas que o esmaltam, na profundidade de vida que o anima, alguns dos contos mais celebres de Guy de Maupassant.

Um diplomata brasileiro, Paulo de . . . , casado, pae de filhos, chega a Nice com quinze dias de avanço á familia, que ficou fazendo as malas em S. Petersburgo. Em Nice, no salão de um hotel luxuoso, vê uma mulher que o perturba e inte-

ressa. De tarde, encontra-a de novo no Casino. Approxima-se. Logra encetar uma conversa. Ella confessa que tem desejos de conhecer Montecarlo. Offerece-se elle para a acompanhar. A desconhecida acceita o desinteressado offercimento para o dia seguinte, o que dá logar a que Rodrigo Octavio, que sente as paizagens como poucos, nos descreve em bellas linhas a excursão e nos leve, com os dois, até ao interior deslumbrante do grande templo do azar. Voltam, e ella passa tres dias sem lhe reaparecer, tentando defender-se do amor que a invade. Desesperado com a sua inexplicavel ausencia, Paulo consegue fazer chegar-lhe ás mãos um bilhete, combinando um encontro. Não tem ella animo para faltar á hora marcada. E' o amor que começa. Para occultar de todos esse seu ephemero noivado, Paulo escolhe uma casita em Eze, um ninho discreto, deleitoso, entre verduras, com largas perspectivas sobre o mar e sobre o amor. Ahi se recolhem os dois, servidos por uma creadinha italiana, Maria Annunciada. Absortos, vivem no seu idylio clandestino, tão alheados de tudo, que jámais elle se lembra de lhe perguntar quem é—sabe que se chama Adelyne, e tanto basta—limitando-se a contar-lhe do seu paiz formoso e da sua felicidade conjugal. Numa noite, veem de uma janella um homem em attitude de se atirar ao mar; um jogador compromettido. Corre Paulo para elle, trá-lo para casa, conforta-o, dá-lhe um quarto. Pela noite adiante, o homem sahe ás escondidas, e realisa o sinistro intento, deixando apenas um cartão com o seu nome, o que tudo Paulo occulta a Adelyne. Se a sua vida é agora toda de amor, para que fallar na morte? A familia de Paulo avisa-o, poucos dias depois, da sua chegada. Elle vê com magua que aquella existencia com Adelyne não pode continuar como até ahi. Torna para Nice, para ao pé da mulher e das filhitas, mas vem ver Adelyne todos os dias. Numa d'essas suas diarias visitas, encontra-a fazendo as malas, disposta a partir para sempre. Não lhe põe embargos. A separação era fatal, e ella parte. Passados dias, Paulo escreve-lhe cartas sobre cartas, sem que nenhuma resposta as accuse. Finalmente, quando já desanimava, recebe novas, as ultimas, as primeiras, de Adelyne, con-

tando-lhe que, tendo, na vespera da sua partida, soccorrido, sem que a mãe suspeitasse quem era, a filhinha mais nova de Paulo, que um cão prostrara por terra, reconhecera que não tinha o direito de o desviar mais vez nenhuma do seu lar calmo e confortavel. Paulo bem diz a bondade da amante. Recordada seductora e gentil, e recordando-a, uma curiosidade o toma: Quem era, afinal essa mulher com quem tão encantadamente convivera? Reconhece que d'ella ficou sabendo apenas o que, o registro do hotel dizia: Madame Adelyne. . . Era casada, solteira, viuva, divorciada? Uma aventureira? Uma infeliz? Uma mulher honesta? Passados tempos, estando em Paris, trata de indagar do seu paradeiro. Vae á casa que ella lhe indicara como a do padrasto. Era alli, effectivamente, mas tinham-se mudado para Asnières, informa-o a porteira. Dirige-se a Asnières, á rua indicada. Observa, inquire. Sabe que lá morou uma familia com o nome que indica, mas haviam ha pouco deixado essa residencia por morte de uma senhora da casa. Seria Adelyne a fallecida? Procura no seu coval no cemiterio, sem resultado. Vae á administração pedir esclarecimentos, sem que os assentamentos nada adeantem. Será viva? Teria morrido? Quem era essa mulher que, tão confiada, generosa e fiel, tivera nos braços? Paulo não o sabe. Não consegue apura-lo. Seria o suicida d'aquella noite de Eze um seu irmão ou seu marido? Paulo nem o suspeita. D'ella só lhe fica um retrato — retrato que ao tempo da narração, já se deluiu de todo. Nunca soube *quem* ella era. Já nem pode recordar agora *como* era ella. Sabe só, sabel-o-ha eternamente, que foi uma amante deliciosa, e que se chamava Adelyne.



E' isso, em desmerecente resumo, a novella de Rodrigo Octavio, a mais correcta e maravilhosa novella sobre um

amor d'acaso -- novella que, nem por trazer na amabilissima primeira pagina o nome humilde do chronista d'**A Mascara**, admirador sincero dos amores passageiros, deixará **A Mascara** de considerar um dos mais frescos, palpitantes e notaveis contos ultimamente escriptos na clara e doce lingua de Portugal, a que o temperamento nordico-brasileiro de Rodrigo Octavio verga com requebros languidos dos tropicos e espiritualisa em diaphanas tonalidades de sonho.



Novidade litteraria:

Grandes Vultos Portugêses

I

D. João de Castro

POR

MANOEL DE SOUSA PINTO

1 volume, brochado 400 réis

Livraria FERIN. Baptista, Torres & Com.^{ta}, editores

A MASCARA

A MASCARA publicar-se-ha todos os sabbados, desde 15 d'outubro a 15 de Julho, em folhetos de 16 a 32 paginas.

PREÇOS

AVULSO:

Portugal. 50 réis
Brazil. 300 réis (moeda fraca)

ASSIGNATURA (pagamento adiantado):

Cada serie de 10 numeros

Portugal. 550 réis
Brazil. 3\$000 réis (moeda fraca)

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida á LIVRARIA FERIN, Editora, BAPTISTA, TORRES & C.^{TA}, 70, Rua Nova do Almada. 74.

A que diga respeito ao auctor para a AVENIDA DA LIBERDADE, 178, 4.º, Esq.º